**Ata da Plenária Mensal do CMPD - Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, realizada On-Line nas redes sociais do CMPD do Município de São Paulo, por motivo da Pandemia**. Aos dez dias do mês de março de dois mil e vinte e dois realizou-se a Plenária Mensal do CMPD – Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, com o tema “Mulheres com Deficiência: Caminhos e Desafios”, e contou com a convidada **Isabel Maria Cirella**, participante da Pastoral do Belém e da Associação G14, que tem síndrome Pós Poliomielite e luta pela acessibilidade para todas as pessoas com deficiência. O encontro virtual teve início às quinze horas e três minutos, sendo aberto ao público em geral por meio da plataforma Facebook, nela ficando gravado. A Plenária foi acessível em Libras e legendada. A Presidente Marly dos Santos iniciou o evento se apresentando e se auto-descrevendo. Em seguida, a convidada Isabel também se auto-descreveu. A Presidente Marly pediu, então, que a convidada comentasse suas experiências de vida. Isabel iniciou relatando que teve poliomielite quando criança, pois não recebeu a vacinação adequada, e que naquela época, na década de 1960, o único hospital existente para o tratamento era o Hospital das Clínicas, que tinha o pulmão de aço, por onde passou. Depois da alta nesse hospital, o médico anunciou uma série de seqüelas que ela teria que enfrentar durante a vida. Sua mãe, então, por iniciativa própria, começou a fazer uma série de exercícios indiretos para ajudá-la a melhorar sua condição física, sendo uma batalhadora como são geralmente as mães das pessoas com deficiência. Passou por cirurgia, colocou órteses nas pernas, adotou muletas, mas teve dificuldades para se adaptar por não haver quem a ensinasse o usou desses apoios, bem como para fazer fisioterapia, situação que enfrentou com a ajuda valorosa da mãe, que era costureira e lhe ensinou os primeiros passos quando tinha sete anos de idade. Presidente Marly comentou que seus pais também receberam um diagnóstico muito negativo a respeito dela e passaram a lhe ensinar o necessário, a andar, a usar aparelhos, inclusive com seu pai construindo uma “paralelas” no quintal da sua casa. Retomando a palavra, a convidada Isabel comentou sua passagem pela fisioterapia em clínica particular, quando criança, sessões que foram documentadas por sua mãe com várias fotografias e, além disso, sua mãe guardava todas as receitas médicas relativas à palestrante. Prosseguindo, comentou sua ida à escola na Vila Maria, destacando que sua mãe adotou todos os procedimentos normais para seu ingresso, mas que a diretoria da unidade de ensino disse que nunca tinha recebido uma criança do “tipo” dela, recusando-se a aceitá-la. Sua mãe insistiu, afirmando que ela “não daria trabalho”, prontificando-se a cuidar dela no intervalo das aulas, condição aceita pela diretora. Mas essa situação resultou no fato de ter feito poucas amizades na escola. Porém, uma de suas coleguinhas recriou a sua situação de usar órteses e bengala no quintal da própria casa, causando a revolta da mãe que procurou a diretoria da escola. A explicação da deficiência da convidada à mãe da aluna, feita pela diretora, resultou numa bela amizade, que dura até os dias atuais, entre as famílias. Já no quarto ano escolar, sua professora resolveu inscrevê-la no processo de admissão para o quinto ano, que na época era o primeiro ginasial. Sua mãe, então, foi até a diretora esclarecer a situação, ou seja, do porquê sua filha deveria parar com os estudos, quando foi informada que realmente ela não havia participado da provinha necessária. Assim, a convidada teve que realizar tal prova em outra escola, para que pudesse prosseguir nos estudos. E a ajuda da sua mãe continuou na época da faculdade, na Psicologia da Farias Brito em Guarulhos, cidade para a qual teve muitas dificuldades de deslocamento, especialmente para chegar e transitar pela Dutra, à pé e de ônibus. Na volta da faculdade, recebia os auxilio das amigas para esse deslocamento. Aprovada num concurso público, sua mãe recorreu ao diretor de recursos humanos da instituição para que sua amiga de infância Sônia, que a ajudava muito e também aprovada no mesmo concurso, mas em pior colocação, fosse chamada junto com a convidada, ao mesmo tempo, fazendo com que as duas recebessem o telegrama de convocação juntas. Atendendo à essa convocação, a convidada e sua amiga Sônia compareceram ao exame de admissão para ingresso no quadro de funcionários do Ministério do Trabalho, localizado na Rua Martins Fontes. A amiga passou pelo exame sem qualquer problema, porém a convidada foi de pronto já chamada de “aleijada”, e informada de que não poderia trabalhar no local pois “não poderia carregar processos”, “mexer nos arquivos” e nem “atender ao público”, sendo reprovada pelo médico. Questionado pela convidada, ele aventou a possibilidade de passagem por uma junta médica para analisar suas aptidões. Assim, procurou médicos e se submeteu aos exames de cinco especialistas que, por unanimidade, reprovaram a atitude do médico que a vetou. Voltando, então, ao Ministério, e foi em maio de 1982, o médico reviu sua posição, aprovando-a, mas fez questão de assinalar em sua ficha de prontuário a impossibilidade de aposentadoria devido a sua doença. Atuou também como voluntária no Mobral à noite, como monitora, depois do expediente na repartição, em comunidades e em refeitórios de fábricas, na alfabetização de adultos. Presidente Marly comentou que as barreiras, como as que Isabel enfrentou, devem ser “chutadas” a princípio pelas próprias pessoas com deficiência, e que tem uma história parecida com a da convidada. Esta, retomando a palavra, acentuou que são histórias de vida que trouxeram a ambas muita experiência, e também muita resignação e muita paciência com tudo. Prosseguiu falando de sua vida pessoal, que namorava naquela época, depois de formada, sendo um de seus namorados o professor de karatê do Clube Vila Maria, onde também dava aulas no Mobral, vindo a casar com último deles, apesar dos dez anos de diferença de idade, ela então com 35 anos e ele com 25. E diante do percurso a ser enfrentado, em suas condições físicas, entre a porta da igreja e o altar, sugeriu, e o padre aceitou, que o casório fosse realizado numa capela pequena, sendo essa mais uma “barreirinha” quebrada. Sua filha Giovana nasceu, assim, um ano e meio depois de casada, num parto muito cuidadoso devido à necessidade que tinha de anestesia geral, que foi acompanhado por médicos de várias especialidades em situação de nervosismo, mas com tudo ocorrendo de forma normal. Lembrou que quando ficou grávida, primeiro procurou um ortopedista que afirmou não haver problema algum para a gravidez, somente depois foi à ginecologista, que também a tranqüilizou, e a maior preocupação ocorreu mesmo com relação à anestesia. Presidente Marly comentou que muitos médicos acham que pessoas com deficiência não devem ter filhos, alguns propondo até mesmo laqueaduras, como chegou a ouvir pessoalmente. Retomando a palavra, Isabel relatou que o pós parto também foi tranqüilo, embora precisasse de mais ajuda com relação aos cuidados com o bebê, inclusive das vizinhas de apartamento, pois passou a usar cadeiras de roda no pós cesariana. Essa mobilidade reduzida resultou também numa atenção diferenciada com relação a sua filha, que passou a ficar pouco tempo no colo, por exemplo, inclusive das visitas, pois não podia adotar toda hora esse procedimento. Quando o fazia, a pedido da filha já um pouco mais velha e falante, era de forma apoiada por outras pessoas, como a mãe e o marido. O crescimento da filha trouxe outras preocupações com o dia a dia de ambas, como em momentos de correria, sendo à convidada recomendado o uso enfático de comandos de voz. Presidente Marly comentou que teve experiências semelhantes com seus sobrinhos, e agora com suas sobrinhas-netas. Voltando, Isabel tratou do tema dos aparelhos que usou, que ficavam curtos, pequenos, na medida do seu crescimento físico, e que precisavam ser trocados via INSS, sendo necessária a apresentação de três orçamentos, a pedido do Serviço Social, que eram providenciados pela sua mãe, demandando vários deslocamentos entre as empresas fornecedoras, e muito correria para atender a burocracia. Isso foi facilitado quando houve sua transferência, a seu pedido para que trabalhasse mais próxima da sua casa, do Ministério do Trabalho para o Ministério da Saúde, onde foi lotada justamente no Serviço Social, como secretária da pessoa que autorizava seus aparelhos. Por outro lado, já ocorreram situações de muita dificuldade, como quando tirou a habilitação para dirigir, porque só havia duas auto-escolas, uma na Lapa e outra na Vila Mariana, distantes, e novamente contou com a ajuda da mãe, e para comprar carro também, pois seu salário era pequeno, e dessa vez contou com a ajuda de outra amiga, que fez um empréstimo no IPREM que viabilizou a compra de um carro, o que veio a facilitar os seus deslocamentos pela cidade. Ressaltou que suas amigas, chamadas por ela de “anjos”, a ajudaram muito durante a vida, e até hoje continuam acolhendo-a, e que antigamente viajava mais, pois há sete anos passou a usar a cadeira de rodas, restringindo um pouco seus deslocamentos. Presidente Marly comentou que com ela ocorreu o oposto, pois, estando com a cadeira de rodas há mais de quinze anos, passou a viajar mais na condição de cadeirante, utilizando ônibus, Metrô, e mesmo avião, embora esse último meio de transporte ainda não seja muito acessível, pois o ingresso nas aeronaves não é facilitado. A convidada, por sua vez, narrou sua experiência em viagem recente para Joinvile, onde, estando com cadeira de rodas, teve dificuldades com várias escadas não adaptadas, inclusive chegando a ser carregada por três homens. Presidente Marly destacou que a experiência de vida de ambas, ela no CMPD e a convidada no G14, as motivam a lutar para que outras pessoas com deficiência não passem pelo que elas passaram. Isabel apontou que houve uma melhora em setenta por cento em relação ao que era antes, quando não havia ônibus adaptado, nem cartão Defis, nem carro adaptado, com isenção, e isso tudo foi conquistado e agora não podemos perder. Presidente Marly concordou, dizendo que temos novas conquistas pela frente e que passamos por um tempo de muitas ameaças às pessoas com deficiência quanto a perda de direitos, mas que agora isso é mais difícil porque sabemos gritar, sabemos brigar, bastando que haja um encorajamento das pessoas para lutarem pelos seus direitos, fugindo da apatia. Lembrou que quando andava de muletas sofria com problemas no pulso, chegando a ir a hospitais por causa das dores, para talas e injeções, e tinha que insistir, usando todos os meios, para ter um atendimento rápido. A convidada confirmou, exemplificando com o surgimento e a identificação da sua síndrome pós pólio, degeneração progressiva e irreversível, comum às duas também, ocasião em que sua filha tinha oito anos de idade, ela estava separada, e em que o posto onde trabalhava passava por mudanças na gestão, com as OS entrando, quando foi parar no “fundo do poço”, sofrendo muito para “se levantar”, reagir, mas teve que “ir à luta”, especialmente com a questão da fisioterapia. Quando procurou a UNINOVE para o tratamento, onde era funcionária, recebeu a resposta de que não adiantaria pelo fato dela ter pólio, sendo usados outros argumentos como a falta de vagas. Isabel insistiu, procurando a professora da área, em vez de se limitar à conversa com a atendente, e assim encontrou os cuidados que necessitava. Inclusive, conseguiu que professores da instituição fizessem capacitações para tratamento da síndrome, melhorando o atendimento, o que resultou em terapias inusitadas para doença, como os exercícios em piscinas, chegando a constituir uma turma de pacientes com a síndrome para o uso da piscina da UNINOVE, mas que, infelizmente, foi descontinuada com a pandemia quando tudo foi fechado, contexto que permanece até hoje. Sabe da existência de piscinas em outras lugares, contudo estão em lugares distantes, tornando os deslocamentos cansativos e fazendo com que os ganhos na utilização do equipamento se percam no caminho. Presidente Marly demonstrou que trouxe a convidada para a plenária pois quis dar visibilidade à forma com que pessoas com deficiência como ela, sejam mulheres ou homens, enfrentam e resolvem os problemas cotidianos, inclusive para mostrar que todos podem fazer o mesmo e que não precisam ficar em casa escondidos, o que advém muitas vezes da falta de atenção da família, ou seja, as pessoas com deficiência tem que trocar experiências e não ficarem com vergonha da própria condição. No seu próprio caso, deixou patente ter até orgulho de como enfrenta seu dia a dia, uma vez que, somos pessoas antes de deficientes. A seguir, solicitou que a convidada fizesse suas considerações finais. Isabel, então, fez um pedido de ajuda: tendo em vista estarem com uma nova diretoria na AG14, haverá uma nova reunião no próximo mês onde será realizada uma mudança estatutária, e, assim, conta com a ajuda de todos, pólio e pós pólio, para que nessa reunião seja dada continuação à nossa história, melhorando a vida de todos, inclusive em outros estados do Brasil, muitos em piores situações em relação à São Paulo, em termos de atendimento e de médicos. Agradeceu, ainda, a todas as pessoas que a ajudaram, assim como à Presidente Marly e ao Conselho como um todo, elogiando o trabalho de formiguinha que ele faz, e às pessoas que com ela compõem a chapa da AG14, com as quais espera conviver por quatro anos, além de à própria família e à sua mãe e filha. Presidente Marly, por sua vez, agradeceu à intérprete de Libras Jéssica pelo seu trabalho nesta tarde, e à convidada Isabel, se comprometendo a participar da reunião da AG14, que é uma associação de pessoas com pólio ou síndrome pós pólio, e que é legal que todas as pessoas com deficiência conheçam seu trabalho e suas lutas, lutas que não deixam de pertencer a todos os deficientes. O evento se encerrou às quinze horas e cinqüenta e um minutos. Eu, Eduardo Farsetti, funcionário administrativo do CMPD, lavrei a presente ata.